

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: UMA NOVA PERCEPÇÃO DO CAPITALISMO NO FUTURO

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

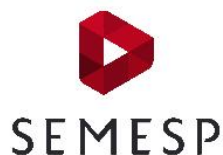
SUBÁREA: ADMINISTRAÇÃO

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE FRANCA

AUTOR(ES): STHIVEN FERREIRA LEMES DA SILVA, DIEGO DAMAS ESTEVÃO, ERIKA PRISCILA BORGHINI, IGOR DOS SANTOS BASTOS DIAS

ORIENTADOR(ES): GLEISON LUÍS ARAÚJO

Realização:



Apoio:



Resumo

O presente artigo visa ressaltar reflexões sobre a atual ordem econômica que o homem vive, trazendo, historicamente análises da forma como o capitalismo praticado pelas empresas se faz presente na sociedade, desde o seu surgimento aos dias atuais, como também a tendência que esta tem a seguir pós-período revolução industrial. A análise feita busca demonstrar que o capitalismo exploratório¹, praticado pelas e somente para as empresas, pode mudar e tornar-se aqui nomeado de capitalismo desenvolvimentista², que encaminhará a evolução da economia de forma justa, criando valor a empresa e a sociedade ao qual está inserida. Para tanto, fez-se necessário a observação da importância da conscientização e formação de lideranças para guiar essa evolução e disseminar a prática do capitalismo desenvolvimentista.

Palavras-chaves: Capitalismo; Valor compartilhado; Pós-capitalismo; Capitalismo Social.

Abstract

This article aims to emphasize reflections on the current economic that man lives, bringing historically analyzes of how capitalism practiced by companies is present in the society, from its inception to the present day, as well as the tendency that it is going to follow. The analysis seeks to show that the exploratory capitalism practiced by and only for the companies, can change and become here named developmental capitalism, which will forward the evolution of fairly economy, creating value to business and the society to which it is inserted. Therefore, it was necessary to observe the importance of awareness and training leaders to guide this evolution and spread the practice of developmental capitalism.

Key-words: Explorative capitalism; developmental capitalism; shared value.

¹Capitalismo Exploratório – Capitalismo praticado pelas empresas, onde estas buscam o lucro como único objetivo.

²Capitalismo Desenvolvimentista – Nova concepção sobre como o capitalismo deve ser constituído.

1. Introdução

O capitalismo sempre foi visto como um mal necessário. Baseado na acumulação de capital, é considerado um sistema explorador e que visa à lucratividade acima de qualquer interesse. No entanto, este sistema econômico também trouxe progresso e desenvolvimento social: ele permitiu uma evolução sem precedentes, que proporcionou inúmeros benefícios.

Diante desse dualismo, lucratividade *versus* desenvolvimento social, por que não aproveitar o melhor dos dois lados?

O raciocínio apresentado é o resultado da busca por uma resposta lógica e coerente para uma pergunta tão desafiadora. Discorre-se nas próximas páginas o resultado de uma ampla pesquisa com descobertas acerca do tema.

O mundo muda de forma constante, e com o capitalismo não seria diferente. Esse sistema deve se transformar, certamente motivado pelos desafios humanos com os quais o mundo tem se deparado, afinal, numa sociedade que conseguiu avançar tanto com esse modelo, chega a ser contraditório o nível de desigualdade social a que se encontra sujeita.

Essa e outras questões são abordadas no decorrer do artigo e apresentam revelações surpreendentes. A imersão nessa pesquisa trouxe não apenas as repostas que se buscava, mas uma imensa alegria e expectativa sobre o futuro. Evidencia-se que, de forma sustentável, o capitalismo pode ser uma grande solução para a humanidade, como você pode acompanhar nas próximas páginas.

2. Metodologia utilizada

Diante da preocupação com o esgotamento do atual modelo capitalista, iniciou-se a busca por uma alternativa sustentável que englobe o crescimento das organizações de forma paralela com a sociedade.

Inicialmente, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica qualitativa sobre a evolução humana e os impactos causados pela ordem econômica segundo seus períodos. A partir da compreensão dessas mudanças, buscaram-se propostas para transformar o atual sistema capitalista em algo que permita o crescimento conjunto de todos os integrantes da sociedade. Para isso, foi recorrido a teorias que

propunham uma mudança nos paradigmas do capitalismo e desenvolvido uma abordagem própria e nova para esse sistema.

3. Um breve histórico da desigualdade social

Analisando a evolução humana ao longo do tempo, percebe-se que a sociedade passou por inúmeras e grandiosas transformações. Uma das mais importantes ocorreu no Período Neolítico, quando a agricultura foi dominada, eliminando a necessidade do nomadismo, e a organização social se enraíza ainda mais no contexto em que o homem vivia, como membro de um grupo – uma estratégia necessária para a sua sobrevivência. A comunicação começou a ser desenvolvida e, por diversos motivos, como segurança, hábitos alimentares e influência do clima, as famílias passaram a conviver mais próximas, ocasionando a formação das primeiras comunidades. É neste contexto que passa a existir a figura do homem social, abordada por Rousseau e o surgimento da desigualdade social.

Muitos pensadores se dedicaram a esse estudo. Segundo Platão (2004) e Aristóteles (1985), a desigualdade é entendida como um traço da natureza humana que nos distingue, já que uns são mais fortes, outros mais inteligentes, outros mais capazes e outros são simplesmente inferiores. Seria este traço que determinaria o papel humano dentro da ordem social e corroboraria para uma vida harmônica (impedida pela desobediência a essa natureza).

Inclusive, “a questão da igualdade é tratada sob o vértice da máxima aristotélica que preconiza o tratamento igual aos iguais, e desigual aos desiguais, na medida dessa desigualdade (ARAÚJO, 2006, p. 131). Essa premissa inspirou o lema da Revolução Francesa.

Hobbes (2003) defende uma posição contrária, alegando que a igualdade entre os homens é o maior traço da natureza humana, uma vez que ao possuir capacidades distintas, eles se igualam. Mas a desigualdade surge através dos pactos contratuais ou convenções que os homens celebram, visto que são insociáveis e isso criaria uma dualidade de paz e tensão nas suas relações.

Posteriormente Locke (1978) assume algumas ideias dos pensadores já citados, como a que a liberdade e a igualdade pertencem à natureza humana (defendido por Hobbes) e que o homem é naturalmente sociável (como sugerido por

Platão e Aristóteles) para formular sua própria tese que se ampara em Deus, que fez o homem para unir-se aos seus semelhantes. Para ele, como a igualdade é natural, somente o trabalho poderá determinar o direito à propriedade.

Mas foi Rousseau quem tratou a questão da desigualdade de forma mais profunda, atrelando alguns pensamentos anteriores à ideia de que a desigualdade está relacionada à propriedade. Em sua concepção, existem dois conceitos: o estado de natureza e o estado social

No estado de natureza, o homem é um ser naturalmente solitário, igualitário, livre e independente. E por ser um ser avesso a viver em sociedade, ele precisa munir-se de “máscaras” e artifícios que o torna um indivíduo dissimulado e escravo das necessidades que cria como luxos e futilidades, e do meio que o força a agir dessa forma, promovendo uma “servidão voluntária”. É essa desigualdade que escraviza o indivíduo, através da sociedade. Portanto, desta forma ele passa do homem natural para o homem social.

O contrato social representa a mudança entre o estado de natureza à sociedade civil. A partir dele os indivíduos renunciam a liberdade natural priorizando a posse de bens e riquezas e permitem a um representante deter a autoridade política e jurídica.

Marx (1995) aprofundou o tema tratando da desigualdade entre classes e se tornou um dos maiores críticos do modelo capitalista. Para ele, são os meios alienados de produção que determinam a divisão social e ocasionam a desigualdade e a pobreza.

O produto do processo de produção capitalista não é nem mero produto (valor de uso), nem uma mera mercadoria, quer dizer um produto que tem valor de troca; o seu produto específico é a mais-valia. O seu produto são mercadorias que possuem mais valor de troca, quer dizer, que representam mais trabalho do que o que foi adiantado para a sua produção, sob a forma de dinheiro ou mercadorias. No processo capitalista de produção, o processo de trabalho só se apresenta como meio, o processo de valorização ou a produção de mais-valia como fim. (p. 68)

Dentro do processo de produção, a mão-de-obra se torna refém do capitalista que passa a controlá-la e usufruir de seus resultados, sendo a mais-valia a mensuração da exploração laboral. A Revolução Burguesa não atingiu o propósito de eliminar as contradições entre classes, apenas substituindo as antigas por novas. Diante dessa realidade, Marx entende que apenas um modelo social comunista, com

a ascensão do proletariado e a queda das propriedades e do meio produtivo poderia dar fim a desigualdade.

Em sua análise, é o ser social do homem que determina sua consciência e a partir dela, contrai determinadas relações (de produção) necessárias e independentes da sua vontade que formarão a estrutura da economia social, base da superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. Portanto, o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual (Marx; Engels, 1986).

São esses fatores que determinarão a existência das classes sociais, uma vez que a classe operária é vista apenas como potência e o modo de vida se torna decisivo para despertar no proletariado a luta de classes.

Em O Manifesto Comunista, tratado desenvolvido com Friedrich Engels, ele identifica a burguesia como uma classe opressora que precisa perder esse caráter pela força da classe trabalhadora, instaurando assim uma sociedade comunista.

Alguns países, como a União Soviética, adotaram o modelo socialista e a partir do fim da Segunda Guerra Mundial passaram a competir com os EUA pela hegemonia mundial, durante a Guerra Fria. No entanto, a URSS é desintegrada, o socialismo dissolvido e uma nova ordem econômica estabelecida.

3.1. A mobilização mundial para deter a desigualdade

A globalização permitiu inúmeros avanços e um desenvolvimento econômico desenfreado. Desde o escambo até o uso do cartão de crédito, o sistema capitalista traz evidente riqueza e muito progresso para algumas nações, criando um abismo social em relação aos que não detém parte dessa riqueza. O capitalismo mesmo com sua capacidade de gerar riqueza, ainda não foi capaz de acabar com abismo social atual, que pode ser considerado um dos seus maiores deflagradores, uma vez que é encarado como uma das principais causas para os problemas sociais, ambientais e econômicos que o homem vive, pois a percepção é de que as empresas estão prosperando à custa da comunidade, ao causar seu sofrimento econômico e esgotar seus recursos naturais.

Essa é uma questão delicada e preocupante. Durante o Fórum Econômico Mundial de Davos³, realizado em janeiro de 2015, a BBC Brasil noticiou a divulgação do relatório da organização não governamental britânica, Oxfam, que afirma que no próximo ano (2016), metade das riquezas mundiais estará concentrada nas mãos de apenas 1% da população. Essa concentração desigual permeia a agenda de grandes líderes mundial há muito tempo. Tanto que no início deste milênio, o mundo voltou seu olhar para essa questão e passou a se mobilizar por uma mudança através de medidas como Pacto Global e reuniões para discutir um avanço sustentável, como a reunião em Davos citada anteriormente.

O Pacto Global foi uma iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU) no intuito de encorajar empresas a adotar políticas de responsabilidade social corporativa e sustentabilidade. Pretendendo promover um diálogo entre empresas, sindicatos, organizações não governamentais, demais parceiros e a Organização das Nações Unidas, o pacto sempre busca com suas medidas o desenvolvimento de um mercado global mais inclusivo e de maneira sustentável, e em uma dimensão social a globalização.

Suas medidas e o compromisso das empresas brasileiras para efetivação do acordado deu expressividade ao Brasil, que a partir de 2004, ainda com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva começava a tornar-se uma das principais nações em busca do desenvolvimento econômico mais inclusivo e sustentável, passando mais tarde a ser sede de reuniões dessa importância, tal como a Rio+20 e a Cúpula dos BRICS.

4. Mudança de paradigma: o pós-capitalismo

As preocupações expostas anteriormente começaram a atrair também pesquisadores que passaram a desenvolver novas ideias e teorias acerca do tema. No fim do século passado, Peter Drucker já sugeria que a nossa sociedade, cujos principais recursos são o capital, a terra e o trabalho, evoluiriam para uma comunidade global que prioriza o conhecimento como seu recurso estrutural,

³Fórum econômico mundial - é um encontro anual que reúne líderes da economia mundial, com o intuito de discutirem as questões mais urgentes enfrentadas mundialmente como as que envolvem saúde e meio ambiente.

inclusive sendo a informação um grande fator competitivo. Para Drucker (1993), conhecimento é a informação eficaz em ação, focalizada em resultados.

Desta forma, surge o conceito de conhecimento produtivo, que indica a capacidade da empresa torná-lo útil e, com ele, motivar resultados. Como o conhecimento tem se tornado cada vez mais acessível, ele permitirá um melhor desempenho e aumentará a competitividade, eliminando a pobreza. Acerca disso, Drucker (1993) aponta a incompetência do Estado em gerir o setor Social e sugere a transferência dessa responsabilidade à sociedade. Esse conceito é sugerido por Drucker e duas décadas depois é aprofundado por Michael Porter e Mark Kramer quando desenvolvem o conceito de Criação de Valor Compartilhado (CVC). Nesta teoria eles sugerem uma interdependência entre a competitividade de uma empresa e a saúde da comunidade ao seu redor. Para os autores, a abordagem pragmática de geração de valor até então em vigor já está ultrapassada, dando lugar ao surgimento de um modelo promissor, onde a atividade empresarial promove a geração não apenas de valor econômico, mas também a criação de valor à sociedade, através da busca de soluções para suas necessidades e desafios.

Para Porter e Kramer (2011) valor compartilhado não são responsabilidade social, filantropia ou mesmo sustentabilidade, mas uma nova forma de obter sucesso econômico trazendo o progresso social para o centro do que a empresa faz. Um pouco antes, na década de 1970, Muhammad Yunus⁴ trouxe o progresso social para o centro do foco de uma empresa criando o Banco Grameen que oferecia crédito aos pobres. Yunus (2010), já dizia que a ideia de uma empresa ter outros objetivos que não a obtenção de lucros não tem espaço na teologia capitalista corrente, e isso perdura até hoje, o lucro ainda continua no centro e as questões sociais na periferia dos objetivos.

5. Da ordem econômica capitalista vigente ao capitalismo desenvolvimentista

5.1. Capitalismo vigente

⁴ Muhammad Yunus - ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 2006, é nomeado como o pai do microcrédito e dos negócios sociais, sendo o fundador do Grameen Bank e de outras 50 empresas em Bangladesh, a maior parte delas voltadas a negócios sociais.

Antes da abordagem sobre o capitalismo desenvolvimentista, faz-se necessário a busca dos pressupostos aos quais fizeram o desenvolvimento de tal ideal, este responsável nomeado aqui de capitalismo exploratório, a forma como as empresas praticam seus negócios. O lucro é a única visão das empresas atuais e elas não medem esforços para alcançá-lo. Diminuição de custos é o principal ponto trabalhado pelas empresas, primeiramente através da desoneração da folha de pagamento o que acarreta na sobrecarga de trabalho para quem permanece nesta. Com isso temos profissionais empregados e insatisfeitos com sua vida profissional e pessoal de um lado; e do outro, pessoas sem condições de atuar economicamente meramente por necessidade de lucro da empresa. A busca por maximização do lucro e minimização dos custos leva muitas empresas a reduzirem a qualidade de seus produtos e serviços. Seja por ser a única opção para aquele produto e serviço ou por já terem uma marca consolidada, conseguem empurrar os produtos para seus consumidores fiéis.

Quando se parte para a questão ambiental e social, vemos o assunto ser tratado como uma questão de obrigatoriedade legal, e quando não, o faz pelo marketing verde, ou social, que para a empresa é tratado com o propósito único de ampliar os lucros, já que o marketing verde é um fator diferencial, mas não voltado verdadeiramente ao social e ambiental. Portanto, a preocupação com o meio ambiente ou com a sociedade não é real, é apenas uma alavanca para obter maior rentabilidade. Consequentemente o verdadeiro objetivo não é real.

Surge então à necessidade de mudança de comportamento, surge o capitalismo desenvolvimentista, nomeado com tal, pois, veio com uma nova proposta de prática de negócios, onde as organizações e a sociedade são aliadas. O objetivo das organizações voltadas ao capitalismo desenvolvimentista é prover produtos e serviços que atendam às necessidades da sociedade, porém de forma justa onde todos ganham. O lucro já não se faz mais como objetivo principal, mas a consequência da qualidade do produto e serviço.

5.2. Capitalismo desenvolvimentista

O capitalismo desenvolvimentista é uma nova forma de se ver e praticar o capitalismo, onde todos os atores trabalham com o objetivo de realizar uma

atividade que traga benefícios a todos *stakeholders*. Como *stakeholders*, temos: organizações governamentais, não governamentais e privadas, e pessoas (trabalhadores, empregadores e demais componentes da sociedade).

Sabe-se que as pessoas necessitam viver em sociedade, e para reforçar essa necessidade, elas se agrupam, então surgem às organizações. Essas organizações representam as pessoas, são o resultado dos desejos, anseios e necessidades de quem as criou e através delas buscam realizar algo que lhes tragam benefícios e resultados. Porém com o tempo, essas organizações cresceram, e se tornaram grandes a ponto de influenciar todo o mundo. E nesse crescimento perderam-se, as organizações e as pessoas. Ambos perderam seus valores, seus objetivos reais, e focaram apenas em uma coisa, dinheiro.

Não que o dinheiro não seja importante, ele é importante, pois é com ele que se realizam todas nossas transações e atividades de troca. Mas ele que é um meio, uma ferramenta para nos auxiliar, foi transformado num mantra para nos guiar. E assim chega-se a esse capitalismo selvagem tão praticado e louvado, onde se pode dizer que dinheiro é como o ar que se respira.

O capitalismo desenvolvimentista prega que a organização deve tirar o foco do dinheiro, da obtenção do lucro a qualquer custo, e o traz para as necessidades da sociedade. O nome desenvolvimentista expressa bem o intuito dessa nova proposta. A intenção é que o desenvolvimento seja conjunto aos *stakeholders* citados anteriormente, ou seja, todos componentes da sociedade trabalham uniformemente para crescerem sem que nenhum deles saia prejudicado.

A única atividade alternativa até agora era o socialismo. E com as organizações desenvolvimentistas, tem-se uma nova forma de se praticar o capitalismo.

A seguir abordaremos de forma específica os três componentes do capitalismo desenvolvimentista: as Empresas Sociais, a Formação de Novos Líderes e o Impacto Social nas Empresas.

6. Empresas Sociais

As Empresas Sociais surgiram com o já citado Muhammad Yunus, um economista bengali, ganhador do Nobel da Paz em 2006 e criador do Grameen

Bank. Ele foi inspirado na sua infância por sua mãe, Sofia, que sempre dava parte do ganho de seu trabalho na joalheria da família aos parentes pobres. Porém, foi na sua vida adulta que ele colocou em prática, em uma versão melhorada, o que sua mãe fazia. Sobre o caos de um Bangladesh faminto devido à seca do ano de 1974, ele que ministrava aulas de Economia na Universidade de Dhaka, se viu em um conflito entre as grandes teorias econômicas que explanava para os alunos e a realidade da pobreza que vivia seu país. E através da observação sobre os moradores da aldeia de Jobra que se criou por ele o que hoje é chamado de microcrédito.

As famílias pobres foram oferecidas empréstimos para que essas tivessem condições de comprar os materiais necessários para fabricar seus produtos e depois vendê-los, obtendo assim os vossos sustentos. Até então não existia instituição alguma que oferecia algum auxílio aos pobres. Os bancos não emprestavam dinheiro por eles não oferecerem nenhuma garantia do pagamento, sobrava então os agiotas que lhes cobravam juros altíssimos corroendo todo o ganho que poderia ser obtido com a venda dos produtos. Com isso os pobres ficavam mais pobres.

A empresa criada por Yunus foi o início da mudança na ordem econômica vigente, pois se comprovou com ela que não é necessário explorar para se obter lucro. Surgiram então empresa com cunho social e ambiental, porém a maioria delas usam esses fatores apenas para a maximização do seu lucro e aplicam o mínimo exigido por lei nas áreas sociais e ambientais. Ou seja, a preocupação não é real.

Nas palavras de Muhammad Yunus (2010), a empresa social é:

“Assim, uma empresa social é projetada e dirigida como um empreendimento, com produtos, serviços, clientes, mercados, despesas e receitas: a diferença é que o princípio da maximização dos lucros é substituído pelo princípio do benefício social. Em vez de acumular o maior lucro financeiro possível - para ser desfrutado pelos investidores -, a empresa social procura alcançar objetivos sociais.” (p.37)

O foco das empresas sociais é a real necessidade da sociedade em que estão inseridas, essas empresas oferecem um produto ou serviço que atenda a sua sociedade, impactando positivamente em todos seus *stakeholders*. Com salários justos para seus colaboradores, pois são eles que vão consumir e fazer girar a economia onde a empresa está instalada. Com impostos justos para seu governo, pois é ele que vai prover condições para que a empresa funcione como

infraestrutura de energia, de água, de esgoto, de comunicação e de logística. Com restauração do impacto causado ao meio ambiente, pois a empresa precisa dos recursos para continuar sua atividade e a sociedade em sua volta precisa dos recursos para sobreviverem. Com um produto ou serviço de qualidade para os consumidores, pois a confiabilidade da empresa é o norte de seu funcionamento. Com pagamentos justos para os fornecedores, pois a empresa precisa garantir que o cluster onde está inserida tenha a mesma condição de cresce.

Para que o foco das empresas sociais seja mantido, é preciso uma mudança de longo prazo. É necessário mudar a mentalidade das pessoas que estão entrando para o mercado, ou seja, os jovens que estão na escola e logo mais vão para as universidades e atuarão como professores, líderes, criadores e formadores de opiniões. Essa mudança se faz necessária para que as novas gerações sejam criadas em um ambiente onde a empresa social é parte de sua cultura. Portanto, assim como as gerações passadas tiveram em sua formação a ideia de que para um país ser desenvolvido era necessária riqueza, a ideologia dos jovens das gerações futuras terá como essência a importância do valor compartilhado como a base para construção de um mundo mais justo.

Para conseguir essa mudança, deverá acontecer o que chamamos de Formação de Novos Líderes.

7. Formação de novos líderes

Cada ser humano tem uma ética, e seu modo de agir ou pensar é baseado em princípios e valores que são transferidos pela família ao qual foi criado e influenciado pela sociedade em que está inserida. Portanto bons líderes tiveram influência de bons pais, professores e de outros líderes. A ideologia de cada indivíduo, e de como ele usa seu discernimento para fundamentar suas ações são na maioria adquiridos nesse processo, entretanto não significa que para ser um bom líder deve-se intrinsecamente nascer com o dom de liderança, podemos aprender a se tornar um através de atitudes.

O mesmo deve ser feito com a consciência da empresa social, ela deve ser inserida na formação da geração atual para estar intrínseco nas próximas gerações. A inserção da empresa social deverá acontecer desde os primeiros conceitos de

organização abordados no Ensino Básico e Fundamental, e abordado de forma mais forte no Ensino Médio e Universitário. Enquanto a geração atual terá que se adaptar e participar dessa evolução, as próximas gerações verão isso de uma forma consolidada e consonante.

A revolução que ocorreu através do microcrédito fornecido às pessoas pobres mostrou que é necessário criar novas ideias, pois será com elas que surgirão as novas organizações que serão a base para solucionar os problemas gerados pelo abismo social, e principalmente a pobreza.

Então, nesse momento faz-se necessário o acompanhamento e conscientização das pessoas em processo de formação, com o propósito de se criar novos líderes ao qual irão empreender de forma que o lucro como já dito antes, não seja o objetivo, mas a consequência da qualidade do produto e serviço oferecido a sociedade, se iniciará a criação um sistema repleto de líderes focado em criar valor à sociedade, através de recursos delas e voltadas para ela.

Yunus (2010), fala de um tipo de investidor que busca além de maximizar o lucro, fazer a diferença no mundo, e propõe que o mesmo seja reconhecido e ajudado a tornar-se parte do mercado. A formação de novos líderes enfoca desenvolver esse tipo de comportamento nas próximas gerações através do exemplo das pessoas que já possuem essa ideia internalizada em suas ações.

8. Impacto social transformador das empresas

Ao desenvolver uma gestão socialmente correta, através da sustentabilidade, a instituição melhora o ambiente empresarial dentro da empresa como também toda a sociedade onde está incluída. O lucro é o objetivo da existência de todas as empresas atuais, porém, é inadmissível que a prática do capitalismo exploratório, prejudicial ao meio ambiente e a sociedade em geral continue.

A implantação da gestão sustentável através de líderes preocupados com o valor compartilhado impactará positivamente seus colaboradores, uma vez que reconhecidos como fator conjunto da transformação social, se motivaram a cooperar em prol as novas visões econômicas da empresa tornando seus esforços para esse bem em comum, dando fim a velha visão de que o patrão sempre leva vantagem sobre o empregado.

Por serem eticamente responsáveis, e conscientes de suas obrigações, as empresas não mais necessitaram burlar as leis do país, pagando em dia seus impostos, cumprindo com o seu papel perante o governo. Perante a sociedade, uma empresa com os novos valores de desenvolvimentista sustentável terá seu reconhecimento, pois a sociedade ao qual a empresa está inserida se regozijará das novas ações a sociedade.

São ações simples que fazem grande diferença. Não é necessário algo grandioso como doar milhões para restaurar o solo de um aterro sanitário, por exemplo. Uma ação como promover a correta separação do lixo entre papéis, plásticos, metais, orgânicos e com a parceria de uma empresa de reciclagem para reaproveitar o maior número de matérias, já é um grande ponto positivo.

9. Um novo mercado a ser desbravado

O capitalismo desenvolvimentista cria um novo mercado na já escassa economia mundial, abrindo espaço para o desenvolvimento econômico através das organizações sociais. As organizações sociais são compostas por dois tipos, as que atendem uma necessidade social e as que são formadas por uma camada marginalizada pelo atual modelo econômico. Yunus (2010) aborda isso:

“O primeiro (...) são as empresas cujo foco é proporcionar um benefício social, em vez da maximização do lucro para seus proprietários. Tais empresas pertencem a investidores que buscam benefícios sociais como redução da pobreza, assistência médica para os pobres, justiça social, sustentabilidade global etc. Esses investidores estão atrás de satisfação psicológica, emocional e espiritual, em vez de recompensas financeiras. O segundo tipo (...) funciona de modo bem diferente: são as que visam a maximização do lucro e pertencem as pessoas pobres ou desprovidas de recursos. Nesse caso, o benefício social consiste no fato de que os dividendos e o crescimento do capital social produzidos pela EML servirão para beneficiar os pobres, ajudando-os a reduzir a pobreza ou até mesmo a sair dela completamente.” (p. 42)

Nesse novo além de uma atuação justa das empresas, teremos um aumento na quantidade de consumidores. Pessoas que antes não possuíam acesso a menos que o básico agora participa ativamente da economia, consumindo produtos e serviços e também criando e compartilhando inovações.

Quando se dá acesso a informações, as pessoas ampliam sua visão e sua capacidade de gerar soluções para os problemas que nem sempre lhes são

inerentes. O capitalismo desenvolvimentista une as questões que precisam de solução com as pessoas que podem criar essa solução, e com isso gera-se um valor mais que econômico, um valor humano.

Nesse novo mercado temos as pessoas economicamente desfavorecidas atuando em diversos papéis como donos de uma empresa, como colaboradores de uma empresa, como parte de uma sociedade economicamente ativa e como propulsora do valor humano.

As empresas sociais, voltadas para atender uma necessidade social, desbravarão mercados desconhecidos e com infinitas possibilidades. De um lado temos uma parte benéfica, onde não haverá concorrente para essa empresa devido o mercado estar em surgimento. Do outro temos o alto risco, devido as informações insuficientes desse mercado, onde o estudo de mercado, do cliente e da necessidade a ser atendida, deverão ser profundos e detalhados afim de minimizar o máximo esse risco. O benefício social desse tipo de organização dependerá da atuação da mesma em atender com precisão a necessidade social.

Já a empresa social formada pela classe pobre desencadeará seu benefício social através da distribuição dos dividendos da mesma aos seus proprietários. Como disse Yunus (2010), o benefício social oferecido por esse tipo de empresa emana de sua propriedade. O benefício nesse tipo de empresa se torna duplo, primeiramente com o poder de atuação e regulamentação de mercado transferido para a classe pobre. E também com o aumento do poder econômico dessa classe através da renda gerada por essa empresa. Os que antes viviam marginalizados pelo mercado, agora atuam como regulamentadores e como consumidores.

O empreendedorismo terá um papel chave no surgimento desse tipo de empresa, por isso se faz necessário um maior incentivo à sua prática. É necessário que se tenha uma maior disseminação do conhecimento de empreender, para que se desmistifique que para ser empreendedor é necessário ter uma grande quantidade de dinheiro. Não que o dinheiro não seja necessário, porém os fatores que mais influenciam a atividade empreendedora são o conhecimento e o planejamento. Sem esses dois fatores qualquer atividade empreendedora está fadada ao insucesso.

10. Conclusão

A desigualdade social existia muito antes do surgimento do capitalismo. Porém foi com esse sistema ela se agravou, o mesmo que prega o desenvolvimento segrega grande parte das pessoas.

No entanto um desenvolvimento saudável e sustentável, que aliasse o progresso às necessidades sociais nunca deixou de permear a mente humana. Inspirados por essa possibilidade, vários estudiosos como Porter e Kramer, Drucker e Yunus passaram a buscar respostas e soluções para esse sistema.

E um novo modelo foi identificado. O capitalismo, assim como a sociedade, está em constante evolução e tem apresentado seu melhor lado. A interdependência entre o modelo econômico e o desenvolvimento social é a forma mais coerente e segura para um mundo melhor, mais justo e humano. É possível lucrar sem se sujeitar às amarras do poder.

Mas, para isso, ainda há um grande caminho a ser percorrido. Inicialmente, demonstrando sua coerência e eficácia. Posteriormente, difundindo e criando uma cultura acerca das premissas desse novo modelo.

Certamente, não será fácil nem simples. Mas o saldo é positivo e benéfico, pois o lucro maior será compartilhado e o patrimônio aproveitado pelas atuais e futuras gerações. O progresso depende dessa mudança, uma vez que o sistema, como é atualmente, está esgotado. Está claro que, ele precisa ser reinventado. A propriedade deu lugar ao conhecimento que passou a ser o novo capital. É evidente que os conceitos até então valorizados deverão ser repensados e este estudo é um exercício para sugerir essa mudança tão eminente e necessária.

11. Referências Bibliográficas

- ARANTES, E. C. **Empreendedorismo e responsabilidade social**. Curitiba: Ibpex, 2011.
- ARAÚJO, Luiz Alberto David. **Direito Constitucional: Princípio da Isonomia e a Constatação da Discriminação Positiva**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- ARISTÓTELES. **A Política**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006
- BBC Brasil. **Riqueza de 1% de ultrapassar a dos outros 99% até 2016, alerta ONG**. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150119_riquezas_mundo_lk. Acesso em 08/03/2015.
- CHAUI, M. **Convite a filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- DRUCKER, P. F. **Sociedade pós capitalista**. 2a. ed. São Paulo: Pioneira, 1993.
- HOBBS, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LOCKE, John. **Do Segundo Tratado sobre o Governo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARX, K.; ENGELS, F. **Obras escolhidas**. Volume 1. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1986.
- MARX, K. **O capital: capítulo V**. São Paulo: Moraes, 1995
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- PORTER, M. E.; KRAMER, M. R. **Criação de valor compartilhado**. Disponível em: <http://www.hbrbr.com.br/materia/criacao-de-valor-compartilhado>. Acesso em 07/03/2015.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do Contrato Social e Discurso sobre a Economia Política**. (Traduzido por Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima). São Paulo: Hemus, 1981.
- YUNUS, M. **O banqueiro dos pobres**. São Paulo: Ática, 2008.
- YUNUS, M. **Um mundo sem pobreza: A empresa social e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Ática, 2010.